

11 00 11

HISTÓRIAS

D



FUTEBOL

PORTUGUÊS

FILIPPE ALEXANDRE DIAS
e TIAGO BEATO



ÍNDICE

PREFÁCIO	6
ANOS 1920	9
ANOS 1930	25
ANOS 1940	43
ANOS 1950	61
ANOS 1960	83
ANOS 1970	117
ANOS 1980	167
ANOS 1990	225
ANOS 2000	307
ANOS 2010	383
ANOS 2020	435
BIBLIOGRAFIA	462
AGRADECIMENTOS	464
CRÉDITOS DAS IMAGENS	464

PREFÁCIO

Escrever. Informar. Emitir opinião. Comentar. Contar histórias. Ou estórias. Com seriedade, mesmo que polvilhadas com algum humor ou ironia, mas sempre com argúcia e interesse adjacente, que prendam quem as lê. Ou quem as acompanhe televisivamente ou através das ondas inesquecíveis da sempre presente rádio.

Condensar dezenas e dezenas de momentos que continuam a marcar décadas, muitas delas desconhecidas das novas gerações, é tarefa ciclópica? É óbvio, mas o gosto é imenso. Sim, sem surpresa é desgastante, mas pesquisar, para melhor informar, é tarefa atraente, chegando a ser bela. Porque é da História: só assim se conseguiram as verdadeiras histórias, muitas delas base da Humanidade. E os melhores livros de estórias, de múltiplos quadrantes que se possa imaginar, foram construídos sobre milhares de horas de dedicação. Sempre com um objetivo no horizonte: deixar marca e informar!

Ler é fundamental. Confere-nos ensinamentos, conhecimento, vivência e, até, alguma capacidade de comparação. E quando nos transporta para o passado, por vezes *demasiado* longínquo, então, melhor ainda. Porque, para as gerações mais experientes, diga-se assim, felizmente, recordar continua a ser... VIVER! Com satisfação, sem nostalgia e vontade de ser firme no presente a olhar para o futuro. Temos de olhar para as novas tecnologias como uma ferramenta auxiliar e não como uma dependência. Por isso, — sou insistente nesta matéria, mas aceitem que é por bem — ler, ler muito é fundamental e deve ser exemplo para esta sociedade cada vez mais consumista. E *demasiado* marcada pelo acesso fácil a novas – perniciosas, igualmente – tecnologias.

Os autores deste livro, bons Amigos Filipe e Tiago, merecem ser felizes. Porque parte considerável do futuro pertence-lhes. Com base nessa realidade, devemos estar-lhes agradecidos. Porque como em tantas histórias, lê-las torna-se viciante. E revisitar o passado, desconhecido para muitos, tendo por base o conhecimento, torna-nos mais ricos.

JOSÉ MANUEL FREITAS
Jornalista

P.S.: Bons Amigos (com A grande, porque é assim que trato os Amigos): esta foi, seguramente, uma das tarefas mais espinhosas da minha acelerada carreira. É que nunca me passou pela cabeça que um dia me dariam a subida honra de escrever um prefácio. Ou uma introdução. Ou o prólogo. Dei, como sempre fiz em cinquenta anos de lides, o melhor de mim. Até porque, como sempre me ensinou outro Amigo de uma vida, o Joaquim Rita: pelos Amigos, tudo!!! Logo, acredito que satisfiz o desejo do Filipe e do Tiago.

Tarefa cumprida, espero que, lá onde estiverem, dois amigões chancelem aquilo que me foi solicitado: os saudosos Israel Dias, meu pai por afinidade e carinho; e Amadeu José de Freitas, meu querido Pai, a quem devo quase tudo do que sou.

Assim, uma lágrima daqui, um sorriso dali, só quero (é um imperativo da minha parte, depois de ter lido a obra de fio a pavio) que esta vossa brilhante ideia, bons Amigos, seja — é esse o objetivo, também! — um êxito editorial.

ANOS 1920

A primeira aventura da Seleção Nacional. Começa a competição a nível interno: nasce o Campeonato de Portugal. Um jogador do FC Porto assassinado. Os primeiros «tiros» da guerra norte-sul num país de república frágil, entretanto dominado pela ditadura militar. Um craque chamado Pepe. Piratas em Alcântara.

A ESTREIA DA SELEÇÃO NACIONAL

Foi a 18 de dezembro de 1921: a Seleção Nacional disputou a sua primeira partida de sempre, frente à vizinha Espanha, no Estádio Martínez Campos, do Atlético de Madrid, com vitória espanhola por **3-1**. Não ficou para a história o resultado, mas sim os nossos primeiros internacionais. Por quem jogavam e como ganhavam a vida. Portugal alinhou com:

- **CARLOS GUIMARÃES** (Clube Internacional de Futebol, funcionário da Henry Vaultier e C.ª);
- **ANTÓNIO PINHO** (Benfica, chefe do economato da Casa Pia);
- **JORGE VIEIRA** (Sporting, eletricista);
- **JOÃO FRANCISCO MAIA** (Sporting, funcionário da Escola Rodrigues Sampaio);
- **VÍTOR GONÇALVES** (Benfica, empregado bancário);
- **CÂNDIDO DE OLIVEIRA** (Casa Pia, jornalista);
- **JOSÉ MARIA GRALHA** (Casa Pia, funcionário da Casa Pia);
- **ANTÓNIO AUGUSTO LOPES** (Casa Pia, aluno da Casa Pia);
- **RIBEIRO DOS REIS** (Benfica, tenente do exército);
- **ARTUR AUGUSTO** (FC Porto, sem profissão conhecida);
- **ALBERTO AUGUSTO** (Benfica, sem profissão conhecida).

OS IRMÃOS AUGUSTO E A GUERRA NORTE-SUL

Artur Augusto e Alberto Augusto eram irmãos. Artur tinha trocado o Benfica pelo FC Porto, ao contrário de Alberto, que decidira continuar a vestir de encarnado. Foram ambos escolhidos para representar Portugal na deslocação a Madrid no histórico primeiro jogo de Portugal, mas Artur teve de fingir as ordens dos azuis e brancos. O FC Porto decidira boicotar a deslocação a Madrid, queixando-se de favorecimento aos clubes de Lisboa. Só a desobediência de Artur permitiu aos nortenhos serem representados na derrota por **3-1**. Alberto, o outro irmão, foi o autor do primeiro de todos os golos da nossa Seleção.

SELEÇÃO NACIONAL... MAS POUCO

O futebol português viu o primeiro jogo da Seleção antes do nascimento de uma competição nacional, curiosidade *sui generis* a nível mundial, num tempo em que a dificuldade de organização era gritante. Finalmente agendado o jogo com Espanha para 18 de dezembro de 1921, depois de ter sido adiado duas vezes, foi delegada em Augusto Sabbo, treinador do Sporting, a orientação dos jogadores. E logo estalou a polémica devido à convocatória de Francisco Pereira, do Belenenses, questionada pela imprensa. O jogador renunciou à chamada, tal como outros dois atletas do clube, solidários com o protesto: o irmão Artur José Pereira, então o melhor futebolista nacional, e Alberto Rio. Sabbo sentiu-se desautorizado e demitiu-se, ficando um comité à frente dos destinos da Seleção. Acabou por ser Cândido de Oliveira, jogador do Casa Pia, a liderar a escolha dos jogadores. Talvez por isso, estiveram seis gansos no primeiro 11 nacional, que também usou a camisola preta do Casa Pia.

VARZIM, O CAMPEÃO DO... MINHO

O dia de Natal de 1915 marca o nascimento do Varzim Sport Clube, resultado da fusão entre o União Football Club e o Póvoa Sport Club. Num tempo em que a organização do futebol dava os primeiros passos, o Varzim procurou fugir à jurisdição da Associação de Futebol do Porto (AF Porto) para evitar o confronto direto com os emblemas da Invicta, mais fortes, e porque a Póvoa, «embora estivesse administrativamente enquadrada na província do Douro, era etnicamente minhota pelos seus costumes», explicou Armindo Graça, um dos fundadores. Como tal, em 1921, organizou um torneio e reclamou o título de campeão do Minho. Vários clubes da região protestaram, entre os quais o SC Braga e o Vianense, por considerarem o estatuto infundado, desde logo porque... não pertencia ao Minho. Os poveiros ripostaram com o argumento de que organizaram uma competição para apurar o campeão minhoto, para o qual convidaram as equipas da região e que não tinham culpa de não terem recebido algumas respostas. Venham de lá essas faixas! Ultrapassado esse devaneio, o Varzim acabou por se inscrever na AF Porto.

REI DE ESPANHA ADMIRA LEÃO

Jorge Vieira é uma figura enorme do futebol português e do Sporting em particular. Desde sempre adepto do clube, conta-se que, com apenas 9 anos, para assistir ao primeiro dérbi da história — com o Benfica, a 1 de dezembro de 1907 —, foi a pé do Dafundo até Carcavelos. O Sporting admitiu-o como sócio em 1910 e Jorge representou a primeira equipa dos leões durante 14 épocas, pela qual fez mais de 200 jogos, aos quais somou 17 internacionalizações. Considerado um verdadeiro *sportsman*, era visto como uma referência. Em 1921, participou no primeiro jogo da Seleção Nacional e, em outubro desse mesmo ano, foi convidado para arbitrar um particular entre Espanha e Bélgica, tornando-se no primeiro árbitro internacional português. A atuação foi de tal maneira apreciada que, no ano seguinte, Afonso XIII, o Rei de Espanha, admirador do português, entregou-lhe a Cruz de Prata da Ordem de Mérito.

O PRIMEIRO REI ARTUR

Artur José Pereira tinha sido o primeiro futebolista a reinar nos campos em Portugal. Natural de Belém, fez carreira como interior esquerdo. Era virtuoso e irascível. Apaixonou multidões e fazia os clubes perderem a cabeça por ele. O craque de pávio curto passou por União Belenense, Cruz Negra e Grupo Sport Lisboa, futuro Sport Lisboa e Benfica. Protagonizou a primeira transferência polémica ao mudar-se para o Sporting, onde alcançou estatuto de profissional e teve tratamento de estrela: 36 escudos por mês e direito de preferência no uso de banho quente, luxo só disponibilizado pelos leões. Voltou ao seu bairro para cumprir um sonho: fundou o Clube de Futebol «Os Belenenses», onde fechou a carreira em 1922. Fez-se árbitro. Brilhou como treinador, sempre a comandar os azuis: foram sete títulos no banco pelo clube que inventou.

QUANDO OS GANSOS QUASE MATARAM AS ÁGUIAS

A segunda década do século XX foi de pesadelo para o Benfica. Crónico campeão de Lisboa, o clube que nascera em Belém quase morreu às mãos do bairro que lhe dera vida. Se a fundação do Belenenses em 1919 já causara

estragos com o regresso às origens de alguns dos seus jogadores, a criação do Casa Pia Atlético Clube, em 1920, provocou uma sangria. Os melhores atletas juntaram-se aos gansos, entre eles Cândido de Oliveira e António Pinho. O Benfica perdeu o domínio do Campeonato de Lisboa e andou fora da alta-roda, uma vez que só foi elegível para jogar no Campeonato de Portugal em 1927, cinco anos depois da criação da prova.

EXPULSO, MAS SÓ TEMPORARIAMENTE

A contrastar com a ideia romântica que muitos têm dos jogadores deste tempo, de verdadeiros *sportsmen*, muitas vezes os jogos tornavam-se em autênticas batalhas campais. A final do Campeonato de Lisboa de 1921/22, a 26 de março de 1922, entre Sporting e Belenenses, tinha o título em disputa e o interesse extra de apurar um dos finalistas do Campeonato de Portugal, que jogaria com o FC Porto, vencedor do Campeonato do Porto. Os capitães dos rivais lisboetas começaram por trocar flores e abraços, mas, segundo a crónica do *Eco Sportivo*, o encontro foi «extremamente violento». Ainda na primeira parte, José Rio, do Belenenses, desentendeu-se com João Francisco, do Sporting, e recebeu ordem de expulsão depois de ameaçar o jogador leonino com uma chapada. Nisto, um adepto dos azuis quis agredir o árbitro Neves Eugénio e foi o próprio capitão belenense, Artur José Pereira, «que soube dar ao exaltado o merecido corretivo, ainda que não fosse *sportivo*», detalhou o mesmo jornal. Na segunda parte, sem ninguém o entender, o árbitro permitiu que José Rio voltasse ao jogo! O Sporting venceu por **2-0**.

DO ARRAIAL PARA A FINAL

No Campo da Constituição não cabia nem mais uma alma e tudo estava a postos para a primeira mão da final da primeira edição do Campeonato de Portugal, colocando frente a frente os campeões regionais de Porto e Lisboa. A 4 de junho de 1922, FC Porto e Sporting mediam forças por aquele que passaria a ser considerado o título máximo do futebol português nesse e nos 16 anos seguintes em que a prova se disputou. Mas o desafio tardou. Faltava um elemento aos azuis e brancos. Ninguém menos do que João Nunes, o avançado de cabelo brilhante, que chegou atrasado... por ter ido ao arraial do Senhor de Matosinhos. Nada que atrapalhasse os planos dos portistas, que venceriam **2-1** e acabariam, numa decisão a três jogos, por arrecadar o título.

FC PORTO AINDA MAIS UNIDO AO PORTO

Numa assembleia geral realizada a 26 de outubro de 1922, quando o FC Porto já ostentava o estatuto de vencedor da primeira edição do Campeonato de Portugal, os sócios portistas votaram a favor da mudança do emblema do clube, que passou a exibir as armas heráldicas da cidade do Porto, destacadas por cima da bola azul. Augusto Batista Ferreira, mais conhecido por Simplício, jogador dos azuis e brancos, de pequena estatura mas enorme talento, foi o autor do projeto gráfico que uniu ainda mais o clube à cidade.

O QUE SERIA DE MIM SEM TI?

Benfica e Sporting são rivais praticamente desde o berço. E foi muito por culpa um do outro que cresceram e se tornaram no que são hoje. Se a rivalidade tantas vezes ficou manchada por episódios lamentáveis, também houve casos em que foi exemplar, como aconteceu em 1923. Ao ter conhecimento de divergências entre o Sporting e o senhorio do Campo Grande, que queria denunciar o contrato de arrendamento do terreno aos leões, o Benfica, através do seu presidente Bento Mântua, colocou as suas instalações desportivas à disposição do velho rival. Após reunião da direção encarnada, a decisão foi aprovada por unanimidade e comunicada ao Sporting a 1 de setembro. Pedro Sanches Navarro, presidente leonino, conseguiu resolver o problema com o senhorio, mas agradeceu calorosamente o gesto. Dois anos depois, o Benfica ficou sem campo para treinar ao mudar-se para as Amoreiras e o Sporting cedeu gratuitamente as suas instalações.

TÉCNICO PORTISTA PAGO A PESO DE OURO

O crescimento do futebol nos anos 1920 acentuou a crisperação entre os defensores do amadorismo, cujo discurso ainda dominava à época, e os do profissionalismo, apologistas do progresso. Na prática, muitos jogadores já recebiam para jogar e os clubes, além de receberem ajudas de mecenas, arranjavam forma de camuflar essa despesa nas contas. O mesmo passou a acontecer com os treinadores. Em 1922, o FC Porto venceu o primeiro Campeonato de Portugal pela mão do treinador francês Adolphe Cassaigne. No ano seguinte, a 7 de outubro, os azuis e brancos foram goleados pelo Benfica no Campo do

Carvalhido, no Porto, por **7-1**, e o treinador foi despedido, apesar de ser um jogo particular. Para o seu lugar chegou o húngaro Akös Teszler, que veio para a Cidade Invicta receber qualquer coisa como 12 contos anuais e tornar-se no primeiro treinador remunerado do futebol nacional. E fez por merecer, ao transformar a forma de jogar da equipa. Em cinco anos no clube, conquistou cinco Campeonatos do Porto e um de Portugal.

O DÉRBI DOS DÉRBIS APITADO POR UM DRAGÃO

Porque o futebol começou por ser um jogo de cavalheiros, não era incomum que um antigo jogador se tornasse árbitro. Isto, claro, quando em Portugal o desporto-rei ainda era uma criança e a competição ainda gatinhava. Antigos *players* como Artur José Pereira ou Carlos Canuto, penduraram as botas e dedicaram-se ao apito, mas não foram os únicos. Ora, num Sporting–Benfica acolhido pelo Campo Grande, perante 9 mil espectadores, a 13 de abril de 1924, os leões bateram as águias por **3-0** e «ofereceram» o Campeonato de Lisboa ao Casa Pia. Mas notícia foi também a grande arbitragem de Tavares Bastos, um antigo jogador do FC Porto. Mas houve mais: Manuel Teixeira Gomes assistiu ao desafio e tornou-se no primeiro Presidente da República a presenciar o dérbi.

OLHANENSE, O PRIMEIRO CAMPEÃO PROVINCIANO

Num Portugal rural, governado pela frágil Primeira República, qualquer terreno fronteiro a Lisboa ou Porto era designado de «província». Uns diziam-no por desprezo citadino, outros por convenção linguística. Com o alargamento progressivo do Campeonato de Portugal, primeira competição nacional de futebol, a representatividade dos distritos cresceu. Nesta geografia alargada, foi do Olhanense que se ouviu o primeiro grito de revolta em relação aos maiores das grandes cidades. Os algarvios venceram com sensação a edição de 1924, batendo o FC Porto por **4-2**. Os sonhos dos pequenos e os desejos da província eram, afinal, possíveis.

SISKA, O CAMPEÃO BENJAMIM

A 28 de agosto de 1924, o FC Porto realizou uma assembleia geral para votar a contratação de Mihály Siska, jovem guarda-redes húngaro de 18 anos, do Vasas de Budapeste, recomendado pelo treinador portista,

o compatriota Akös Teszler, o tal primeiro treinador profissional do futebol nacional. Siska só pedia um emprego na Invicta para se mudar para a cidade. E assim foi. A imprensa falava num salário mensal de mil escudos, motivo de críticas por parte de alguns associados, mas o presidente Domingos Soares rejeitava as acusações e justificava que o jogador tinha emprego na cidade. Foi o primeiro estrangeiro não-inglês a atuar em Portugal e sagrou-se campeão logo na primeira época. Tinha tanto peso na equipa que os colegas o tratavam por «Meia Equipa». Entretanto naturalizado português, Miguel Siska defendeu a baliza azul e branca até 1933 e, como treinador, levou o FC Porto a conquistar o Campeonato Nacional de 1939 e 1940. Ainda hoje é o técnico mais novo a ser campeão em Portugal, com apenas 33 anos, 3 meses e 19 dias. Juca, campeão pelo Sporting em 1961/62, ficou perto: 33 anos, 4 meses e 13 dias.

A TRÁGICA MORTE DE VELEZ CARNEIRO

O dia 18 de maio de 1925 manchou de sangue a Cidade Invicta e a história do FC Porto: Velez Carneiro, médio de elevada qualidade e um dos heróis da primeira vitória dos dragões frente ao Benfica em Lisboa, foi morto a tiro por Carmindo Sousa Duarte. O crime aconteceu na Travessa dos Congregados, na Baixa portuense, após acalorada discussão com um marido atraído. Velez Carneiro era um ídolo dos azuis e brancos e campeão de Portugal. O seu funeral saiu do Campo da Constituição e comoveu toda a nação portista.

A PRIMEIRA VITÓRIA DA SELEÇÃO

Em 1924, a Seleção não teve qualquer compromisso, mas o hiato parece ter feito bem. Depois de três jogos com um comité a liderar os jogadores, em maio de 1925, Portugal estreou o antigo internacional e jogador do Benfica Ribeiro dos Reis como selecionador numa derrota por 2-0, diante da Espanha, em Lisboa. Mais do mesmo, terão pensado muitos: era o quarto jogo, o quarto jogo contra os espanhóis e a quarta derrota. Mas à quinta foi de vez! A 18 de junho, no Estádio do Lumiar, Portugal finalmente teve outro adversário e foi frente à Itália que conseguiu a primeira vitória, por 1-0. O primeiro herói nacional foi João Francisco, avançado do Sporting, que apontou o único golo.

A ESTREIA DE PEPE E O QUARTO DE HORA À BELENENSES

A 28 de fevereiro de 1926, o recém-inaugurado Campo das Amoreiras, casa do Benfica, via nascer duas lendas: a estreia de Pepe, com 18 anos, e o quarto de hora à Belenenses. A 20 minutos do fim, o Benfica vencia por **4-2** e ficava com boas perspectivas de vir a saborear o título regional. Só que, naquilo que o *Diário de Lisboa* descreveu como «um milagre de energia», o Belenenses fez o **4-3** aos 80 minutos, empatou aos 83, com um bis de António Almeida e, no último suspiro, beneficiou de um penálti. O capitão Augusto Silva delegou a responsabilidade no jovem Pepe, que fez o **4-5** final e o Belenenses deu um passo importante para a conquista do seu primeiro Campeonato de Lisboa. Nascia ali um hábito que se viveu durante décadas nas Salésias: a 15 minutos do fim, criava-se sempre uma enorme algazarra entre os adeptos azuis, que sopravam apitos e cornetas para dar início ao *forcing* final dos homens do Restelo.

ZÉ PEQUENO, O MAIOR DAS ILHAS

José Ramos foi o maior nas ilhas. Primeiro madeirense internacional por Portugal. Jogava no Marítimo, numa equipa onde todos tinham alcunhas. A sua era Zé Pequeno. Antes de Pinga sair da Pérola do Atlântico para brilhar pelo FC Porto e tornar-se ídolo do futebol português, Zé Pequeno fez história no Marítimo: ganhou o Campeonato de Portugal de 1926, até hoje o maior troféu conquistado pelos insulares. Zé Pequeno compensava a baixa estatura e corpo de fio de azeite com inteligência aguda e técnica apurada. Era o criativo, o interior que tratava de tudo. Com ele, os longos caminhos até ao golo viravam atalhos. E no jogo decisivo, a 6 de junho de 1926, o Marítimo bateu o Belenenses por **2-0**. Um dos golos foi marcado por Zé Pequeno, o maior craque de uma equipa que, entre outros, contava com Janota, Fanheca, Mariazinha, Ranfão, Beißolinhas, Patas, Camaráo e Bisugo...

MARÍTIMO GOLEIA O CAMPEÃO FC PORTO

A caminhada do Marítimo rumo à vitória no Campeonato de Portugal de 1925/26 teve início nas meias-finais, com o FC Porto, campeão em título, como adversário. Num jogo realizado a 23 de maio no Campo Grande, casa do Sporting, que por estes tempos mantinha uma forte rivalidade com os portistas, o público manifestou-se contra os azuis e brancos de tal forma inflamada que a imprensa condenou tamanha hostilidade. O FC Porto adiantou-se no marcador, com um golo do inglês Normal Hall, mas os

insulares, orientados pelo húngaro Francisco Ekker, estiveram imparáveis e golearam por **7-1**, com o guarda-redes Mihály Siska a impedir que o resultado atingisse proporções ainda mais catastróficas! Terminada a partida, viram-se adeptos portistas a rasgar os cartões de sócios. O treinador Akös Teszler, outrora um ídolo, seria sacrificado no final de fevereiro de 1927... depois de pedir um aumento salarial. E rumou aos Estados Unidos.

OS POMBOS DE BELÉM

Campeão de Lisboa em 1926, o Belenenses conquistou o Campeonato de Portugal no ano seguinte, depois de vencer na final por **3-0**, em junho de 1927, o Vitória Futebol Clube (popularmente conhecido como Vitória de Setúbal). Antes, nos quartos de final, vingou-se do Marítimo, com quem perdera a final no ano anterior, num jogo polémico em que abandonou o campo a 20 minutos do fim, após expulsão de Augusto Silva. Desta vez, goleou os madeirenses por **3-1**. O título de 1927 foi a primeira grande conquista do «clube da praia», como era conhecido, um emblema de tradição bairrista, que unia as gentes de Belém na mesma paixão. Num tempo em que a comunicação era muito rudimentar, os jogadores azuis criaram um hábito: sempre que venciam os jogos fora, enviavam pombos-correio para Belém com a palavra «ganhámos». Mensagem simples, mas com tanto significado. E quando o Belenenses jogava fora, era ver os seus adeptos a olhar para os céus, à espera de boas novas.

QUANDO O CARO SAI BARATO

Avançado de classe acima da média, foi uma das primeiras grandes figuras do Benfica, onde chegou no final dos anos 1920. Jogava no Hóquei Clube de Portugal quando, em 1927, representou o Carcavelinhos na Taça Preparação, uma competição organizada pela Associação de Futebol de Lisboa durante a pré-época. Destacou-se de tal forma no ataque do clube de Alcântara que o Benfica se antecipou e fechou a contratação do avançado de apenas 18 anos. Numa altura em que predominava o amadorismo e não se falava do pagamento de qualquer verba aos jogadores, Vítor Silva recebeu 15 contos de luvas para assinar pelas águias, mais um salário de 5 contos mensais. Uma fortuna nunca antes vista no futebol português! Apesar dos valores envolvidos, o goleador manteve a ocupação de estofador de automóveis até ao final da carreira. Depois de várias épocas

de jejum, o Benfica regressou aos títulos com a ajuda dos (muitos) golos de Vítor Silva. Uma arreliadora lesão (flebite) obrigou-o a deixar de jogar com apenas 27 anos. A história da lenda já estava escrita.

SPORTING ESTREIA CAMISOLAS LISTADAS

Durante os primeiros anos, o equipamento principal do Sporting era a camisola verde e branca bipartida, conhecida por camisola Stomp, com calções pretos e meias pretas. Foi assim até 6 de novembro de 1927, quando os leões estrearam a camisola listada que vestem atualmente. As equipas de rãguebi e de basquetebol já a usavam, mas a de futebol vestiu-a pela primeira vez num particular frente ao Casa Pia. Em disputa estava a Taça António Pinho, internacional casapiano que era homenageado por gansos e leões. Houve dois jogos: primeiro, entre os quatro *teams*, depois entre os *teams* representativos. Em ambos os casos, ganhou o Sporting, por 3-1 e 5-2, respetivamente. No final da partida, a direção do Sporting, presidida por Soares Júnior, ofereceu um cálice de vinho do Porto à sua homóloga casapiana e saudou o reatamento de relações entre os dois clubes lisboetas, afastados há cerca de três anos.

O GUARDA-REDES QUE DEFENDEU A DITADURA

António Roquete foi o primeiro ídolo das balizas portuguesas. Ribatejano de Salvaterra de Magos, foi criado na Casa Pia. Celebrizou-se pelos gansos e pela Seleção Nacional, que defendeu nos Jogos Olímpicos de Amesterdão, em 1928. Mais tarde, ingressou na PIDE, então PVDE. Com porte de galá, ficou marcado pelos anos passados no posto fronteiro de Valença do Minho, onde a sua brutalidade para com resistentes e exilados o tornou infame. Caiu em desgraça ao chefiar a brigada que em 1942 assassinou o médico Ferreira Soares. Foi para Moçambique, saiu da polícia política e voltou a Portugal, onde faleceu em 1995, aos 89 anos. Até ao fim da vida, tentou apagar o passado de torcionário. Em vão.

UM, DOIS, TRÊS, MARQUE LÁ OUTRA VEZ

Em abril de 1928, mês em que Salazar assume a pasta das Finanças no 4.º Governo da ditadura militar, Portugal recebe a Itália naquele que é o 14.º encontro da sua história, iniciada em 1921. Trata-se de um jogo de preparação para os Jogos Olímpicos, no Porto, duas semanas depois de a Seleção ter empatado a zero frente à Argentina, em Lisboa. Valdemar

Mota, goleador do FC Porto, cumpre a terceira internacionalização. Está inspirado e os golos sucedem-se. Um, dois, três... e foi a conta que o avançado portista fez: o primeiro *hat trick* da história da Seleção. Vítor Silva fechou o resultado nos **4-1**. Depois deste feito, o benfiquista Palmeiro, em 1956, marcou três à Espanha (**3-1**). Do Sporting, o primeiro *hat trick* pela Seleção foi de Paulo Alves, num **7-0** a Liechtenstein, em 1995.

DELÍRIO EM AMESTERDÃO

A Seleção Nacional tardou em dar alegrias aos portugueses, como, felizmente, se tornaria habitual. A contrariar as primeiras derrotas, começaram a surgir tímidas vitórias, para bem do ego nacional. No final de maio de 1928, Portugal surpreendeu o mundo desportivo com a sua prestação nos Jogos Olímpicos de Amesterdão, prova na qual a equipa foi orientada por um comité formado por homens como Ribeiro dos Reis, Cândido de Oliveira, Ricardo Ornellas e Salazar Correia. A Seleção Nacional venceu o Chile por **4-2**, num jogo em que esteve a perder **2-0**, despachou a Jugoslávia por **2-1** e caiu diante do Egito, pelo mesmo resultado, nos quartos de final. Portugal teve motivos de queixa da arbitragem, que anulou mal um golo, segundo as crónicas. Alfredo Ramos, do Belenenses, suplente nesse jogo, afirmou mesmo que «O árbitro foi um patife!» A boa prestação lusa justificou que a comitiva fosse recebida em festa nas estações de comboios no regresso a casa.

AMOR À CAUSA

A boa prestação nos Jogos Olímpicos de 1928 despertou o interesse do Sporting em Valdemar Mota, mas o goleador de convicções fortes vestiu apenas as camisolas do FC Porto e da Seleção durante a carreira. «Sou amador puro, fiz-me assim, assim hei de terminar», justificou para recusar os mil escudos por mês que os lisboetas lhe ofereceram. Os anos 1920 foram pródigos em casos semelhantes, quando o futebol divergia entre o puro amadorismo e os primeiros sinais da indústria em que se viria a tornar. «Quando fosse forçado a ingressar no profissionalismo, abandonaria o futebol», acrescentou o avançado. Apesar de sempre se ter orgulhado do seu amadorismo puro, em 1936, Valdemar Mota assinou a ficha de ajudas prestadas pelo FC Porto, como compensação pelo tempo dispensado ao clube, e passou a receber 500 escudos por mês.

O FUTEBOL PIRATA DE ALCÂNTARA

No ano de 1928, o coração do povo futeboleiro foi capturado por uma alegre tripulação pirata. Era o Carcavelinhos, clube alcantareense assim chamado em tributo ao Carcavellos Club, emblema dos ingleses que tinham «ensinado» Lisboa a jogar. O *team* era irreverente, com protagonistas coloridos: Chocولاتinho, Zé Grilo, Canuto, Rufino e Luvas Pretas (Carlos Alves, avô do futuro craque João Alves). Canuto — Carlos Canuto, aliás — era figuraça. Jogador e treinador, juntamente com o colega Rufino, daquela equipa cheia de truques na algibeira. O Carcavelinhos praticava um futebol malandro, imprevisível. Os jogadores trocavam posicionamentos e usavam linguagem própria para confundir adversários. E nesse ano o leão caiu na armadilha. O Carcavelinhos bateu o Sporting por **3-1** e foi campeão de Portugal. Alcântara nunca mais viveu vitória assim.

À MARGEM DA LEI

Finda a época desportiva, que culminara na participação da Seleção nos Jogos Olímpicos, o Estado decidiu intervir, pela primeira vez, no futebol. Nos últimos dias de junho de 1928, o Ministério da Instrução determinou a interdição da prática da modalidade durante os meses de julho e agosto, até 15 de setembro. A proibição era justificada pela «salvaguarda das questões de higiene e de assistência física à mocidade que se estiola», opinião partilhada por alguma imprensa desportiva. A lei foi ignorada em praticamente toda a parte. Muitos jogadores aproveitavam a pausa de verão para organizar jogos, a paixão não podia ficar tanto tempo esquecida. Foi o que aconteceu a Balbino e Júlio Cardoso, jogadores do FC Porto, que já em 1926 tinham deixado o clube após conflito com a direção, depois de organizarem uma equipa para jogar durante a paragem dos campeonatos. Desamores de verão...

QUANDO O CAPITÃO DEMITE UMA DIREÇÃO

Chamaram-lhe a «questão Jorge Vieira» e não era para menos! Figura de prestígio indisputado, capitão do Sporting e da Seleção Nacional, exemplo de cavalheirismo por todos respeitado, o defensor chegou a 1928 e aos seus 30 anos convencido de que não dava para jogar mais. Estava sem tempo adequado para treinar. Depois de já ter pugnado por melhores condições para os jogadores e de pensar

além do amadorismo perante a inflexibilidade dos dirigentes leoninos, Jorge Vieira entrou em desacordo com a direção por conta de um jogo em sua homenagem cuja receita solicitara que fosse a seu favor. O conflito tornou-se ácido quando Jorge Vieira não foi chamado para um jogo do Sporting em Santarém. Magoado, o capitão escreveu uma carta ao Conselho Diretivo. Foi suspenso como atleta e sócio... e houve um motim associativo. Foi convocada uma assembleia geral para debater e votar a questão. E o tumulto foi tal que a direção demitiu-se. 300 sócios presentes em reunião magna, a 22 de fevereiro de 1929, aprovaram (com 144 votos favoráveis, 130 contra e cinco abstenções) a moção que relevava o caráter e mérito desportivo de Jorge Vieira. Os castigos impostos foram anulados... e houve eleições para eleger nova direção. Jorge Vieira voltaria a calçar as botas e a jogar mais três épocas.

ALBERTO AUGUSTO, O JUSTICEIRO

Entrou para a história como o autor do primeiro golo da Seleção, quando jogava no Benfica. Emigrou para o Brasil, jogou no América do Rio de Janeiro, regressou para o SC Braga e em maio de 1929 jogava no Salgueiros. Nos oitavos de final do Campeonato de Portugal, os homens de Paranhos deslocaram-se à Tapadinha para defrontar o Carcavelinhos e Alberto Augusto marcou um golo que não foi validado porque a bola passou por um buraco da rede. Revoltado, o jogador deu uma chapada no árbitro e recebeu ordem de expulsão, que não acatou. Foi necessária a intervenção policial e a confusão foi tanta que o jogo terminou ali, com vitória dos de Alcântara. Mais tarde, o árbitro reuniu-se com dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) que assistiram ao jogo e acabou por validar o golo... de um jogo que já tinha terminado.

ANOS 1930

O primeiro título nacional do Benfica. Francisco Stromp parte para a eternidade. Pepe, uma estrela de Belém. Futebol no Estado Novo. A lenda de Pinga. Diabos vestidos de azul e branco. Como nasceu o Campeonato Nacional. O leão jaguar. Clássico no dia do atentado a Salazar. O porquê de Andrades e encarnados. O guarda-redes espião do FC Porto.

A GOLEADA DO ÁRBITRO

A 30 de março de 1930, o Olhanense queixou-se de ser goleado... pelo árbitro. Então rei do futebol algarvio, o coletivo de Olhão tentava voltar a fazer história no Campeonato de Portugal, mas foi duramente surrado (6-0) por um Belenenses vigoroso do ponto de vista físico. A turma de Belém surgiu como campeã de Lisboa pintada de fresco e aplicou meia dúzia aos rubro-negros. Mas os algarvios atiraram toda a culpa para cima do juiz portuense Araújo Correia, que surgiu com um casaco da mesma cor que a camisola do Olhanense e calção também a condizer. Ora, isto foi atribuído pela imprensa da altura como motivo para muito passe para o árbitro, que pareceu o 12.º jogador de uma confundida equipa algarvia.



O PRIMEIRO DO BENFICA

Tardou, devido aos fracos desempenhos no Campeonato de Lisboa, que começou por só apurar uma equipa, até que em 1929/30 o Benfica finalmente conquistou o seu primeiro Campeonato de Portugal. Aconteceu na nona edição da prova, ao derrotar o Barreirense na final, por 3-1, após prolongamento. Num sempre aceso Benfica-Casa Pia, na segunda mão dos oitavos de final, os gansos, sentindo-se prejudicados pela arbitragem, abandonaram o campo e acenderam ainda mais a rivalidade entre os dois emblemas, que nasceu na génese dos casapianos. O defesa António Pinho, um dos benfiquistas que rumaram ao Casa Pia aquando da fundação deste, regressou aos encarnados em 1928 depois de um ano de inatividade por, supostamente, ter terminado a carreira. A decisão do internacional português foi vista como uma traição pelo Casa Pia, aumentando a crispação entre os clubes, e levou ao corte de relações com o amigo Cândido de Oliveira.



A MORTE DE FRANCISCO STROMP

Ele não era do Sporting — ele era o Sporting! Francisco Stromp devotava a vida ao clube onde tinha sido tudo: fundador, atleta, capitão, treinador, secretário e dirigente, tendo sido campeão em futebol, atletismo e lançamento do disco. Dizer Sporting ou Francisco Stromp era quase a mesma coisa. Criado no Lumiar,

filho de um médico, era um *sportsman* cavalheiresco. Além de entregar cada dia da sua existência aos leões, Francisco Stromp era um alto quadro do Banco Nacional Ultramarino. De repente, o pai deu por ele a querer comer a sopa com o garfo. Os erros no banco acumulavam-se. Foi-lhe diagnosticada sífilis, a doença, à altura letal, que devorara o irmão António, também ele um insigne atleta do Sporting. Francisco recusou submeter-se ao sofrimento. A 1 de julho de 1930, dia do 24.º aniversário do Sporting, não foi para o banco. Foi para a estação de comboios de Sete Rios, despiu o casaco e correu para o comboio de braços abertos. Tinha 38 anos. Há um busto de Francisco Stromp perto do Estádio José Alvalade. O seu nome faz parte da toponímia de Lisboa e inspira os valores que norteiam a dedicação ao Sporting Clube de Portugal.



GUERRA FAVORECE BENFICA

Em 1931, um conflito que começou entre as associações de futebol de Lisboa e do Porto e levou a uma guerra da entidade alfacinha com a FPF, teve como consequência a recusa da maioria das equipas lisboetas — às quais se juntaram Barreirense e Luso, da Associação de Futebol de Setúbal (AF Setúbal)—, em participar no Campeonato de Portugal, solidárias com a associação da capital neste braço de ferro institucional. Para colmatar a ausência na principal prova da FPF, a Associação de Futebol de Lisboa (AF Lisboa) criou a Taça de Lisboa, uma competição própria para manter as equipas em atividade. Benfica e Casa Pia foram raras exceções ao boicote e os encarnados ficaram com a vida facilitada para conseguirem a sua segunda vitória no Campeonato de Portugal. Que viriam a confirmar, depois de baterem o FC Porto na final, por **5-0**. O principal adversário do Benfica foi mesmo o Olhanense, nos oitavos de final. Depois de uma vitória para cada uma das equipas, os algarvios marcaram no prolongamento do jogo de desempate e o árbitro, visionário do golo de ouro, deu a eliminatória como concluída. O erro do juiz da partida motivou um novo jogo, que o Benfica venceria por **2-0**.



COMO O BENFICA-FC PORTO DEMOROU A SER OFICIAL

Acredite: o clássico Benfica-FC Porto demorou quase trinta anos a ser oficial. Até 1922, a competição cingia-se a campeonatos regionais. Os duelos entre

rivais da capital e da Invicta eram, portanto, de carácter particular, até que o Campeonato de Portugal trouxe a dimensão nacional que faltava. Contudo, o Benfica só em 1927 conseguiu competir na primeira prova nacional, quando esta deixou de ser reservada só a campeões regionais. O Benfica amargava um regional jejum de títulos e só com este alargamento entrou em cena. Foi preciso esperar até 28 de junho de 1931 para que os dois grandes se defrontassem e logo numa final. Só podia! O resultado sorriu aos lisboetas, que venceram 3-0 e revalidaram o título, numa final jogada em Coimbra, sob um calor de ananases. E a temperatura do clássico iria subir...



PEPE, UMA TRAGÉDIA AZUL

Para choque de todo o país, José Manuel Soares, o Pepe, morria subitamente no dia 24 de outubro de 1931, no Hospital da Marinha, em Lisboa. Tinha 23 anos. Para muitos, era só o melhor jogador daquele tempo. Repentista, de habilidade extrema quando o futebol era duro e agreste, Pepe fora tocado pela magia. Nascido no seio de uma família pobre de origem beirã, a 30 de janeiro de 1908 — dois dias antes do regicídio que vitimou o rei D. Carlos —, a alcunha foi-lhe dada pela vizinhança galega na Rua do Embaixador, em Belém. Só vestiu duas camisolas: a do Belenenses e a da Seleção Nacional, que defendeu nos Jogos Olímpicos de Amesterdão, em 1928. Na sua curta e fulgurante carreira levantou cinco troféus. Trabalhava no Arsenal da Marinha. Foi ali que tombou com fortes dores de estômago. A mãe confundira sal com soda cáustica ao preparar uma refeição e o envenenamento involuntário seria fatal. A morte trágica de Pepe foi a maior de todas as derrotas do Belenenses.



A LENDA QUE SOUBE ESPERAR

Artur de Sousa, desde sempre conhecido por Pinga devido à alcunha do pai, foi referência do FC Porto e da Seleção durante década e meia. Em 1929, Joseph Szabo foi contratado pelos dragões ao Marítimo para assumir as funções de treinador-jogador e tudo fez para levar Pinga consigo para o FC Porto. O jovem madeirense ainda passou pelo União Micaelense, dos Açores, e só assinaria pelos portistas em dezembro de 1930, com o pretexto de ter arranjado emprego

na Invicta, na fábrica de Sebastião Ferreira Mendes, mais tarde eleito presidente do FC Porto. O processo foi complicado, envolveu a falsificação de documentos e uma troca de palavras menos amigável com o Marítimo. Pinga estreou-se a marcar dias depois, num particular frente ao Salgueiros, mas teve de penar quase um ano pela estreia oficial, por imposição dos regulamentos da AF Porto. Seria apenas em novembro de 1931, na jornada inaugural do Campeonato Regional do Porto, num 10-2 ao Boavista. Novamente com um golo, claro. «Pinga representa o jogador completo: à mestria da técnica alia a maneira mais elegante de jogar», escreveu a *Stadium*. Assim, vale a pena esperar.



O IMPIEDOSO ROQUETE

Aqui já se contou que António Roquete ingressou na PVDE depois de terminada a carreira de guarda-redes. A dureza que revelou na polícia política já vinha dos tempos em campo, como provou num encontro do Campeonato de Lisboa de 1931/32 entre o seu Casa Pia e o Barreirense. Aos 20 minutos, com 2-1 no marcador, uma carga mais dura de Daniel sobre Câmara levou o guardião barreirense a dar um soco ao prevaricador dos gansos. O árbitro não expulsou nenhum jogador e acabou por perder o controlo do jogo. Aos 40 minutos, o guarda-redes Roquete, numa saída a um cruzamento, abalroou Pedro Pireza com o joelho, deixando o futuro avançado do Sporting inconsciente. Os jogadores das duas equipas envolveram-se numa autêntica batalha campal e o árbitro abandonou o campo por falta de condições para prosseguir o jogo. «Foi o fim do mundo, envolvendo-se em desordem a maioria dos homens e sendo necessária a intervenção da Guarda Republicana. E ponto final, porque o que se seguiu foi uma tristeza. Pobre futebol!», escreveu o jornal *Os Sports* na primeira página.



BELENENSES 15-0 SPORTING

Belenenses e Sporting eram duas forças que se equivaliam nos panoramas regional e nacional dos anos 1930, mas não sem alguns escândalos pelo meio. Na primeira mão da segunda eliminatória do Campeonato de Portugal, os homens da Cruz de Cristo foram ao Campo Grande dar uma chinelada ao rival

Sporting — uns sonoros **6-0**, com *bat trick* de José Luís. Mas arraso maior estava por vir. Uma semana depois, a 22 de maio de 1932, os azuis levaram mais além a humilhação e dizimaram os leões — **9-0**! Com *poker* de Rodolfo Faroleiro. A vergonha foi tamanha que a direção leonina decidiu que a equipa não estava apta a representar o clube na decisão do Campeonato de Lisboa que se aproximava. É que iria encontrar... o Belenenses, que assim festejou antecipadamente.



DE ESPANHA, BONS VENTOS DE ARBITRAGEM

Protestar contra as decisões das equipas de arbitragem faz parte da cultura nacional. Foi assim desde sempre. A rivalidade Norte-Sul e o clima de suspeição tornaram impossível chegar a um consenso relativamente à nomeação de um árbitro para a final do Campeonato de Portugal de 1931/32. E, tal como acontecera em 1925, a FPF teve de recorrer a um árbitro espanhol. Foi assim que o conceituado juiz Ramón Melcón apitou o duelo entre FC Porto e Belenenses, no Campo do Arnado em Coimbra, a 3 de julho. Os portistas chegaram a estar a vencer por **4-1**, mas um inspirado Augusto Silva, histórica figura dos azuis do Restelo que passara o ano de 1930 sem jogar para ensinar futebol aos jovens, marcou um *bat trick* e fez o **4-4** final. O empate forçou a novo jogo, duas semanas depois, com vitória do FC Porto por **2-1**. Novamente com boa arbitragem do *señor* Melcón.



AGRESSÃO VALE UM ANO DE SUSPENSÃO

Antigo jogador do clube, Filipe dos Santos conquistou o Campeonato de Lisboa de 1930/31 como treinador do Sporting, mas a convulsão interna leonina, com destaque para o final de carreira de Jorge Vieira, motivou a cedência do lugar ao técnico Arthur John. Contudo, a saída de Filipe dos Santos foi tudo menos pacífica. Na sequência de uma discussão, insultou e agrediu um diretor do clube na sede do Sporting, atitude que lhe valeu a suspensão de sócio por um ano. Em 1932, o Saragoça apostou no antigo médio-centro, internacional, que se tornou no primeiro treinador português a orientar uma equipa estrangeira. Em agosto, antes de rumar a Espanha, deixava a sua opinião sobre o futebol de *nuestros hermanos* em entrevista à revista *Stadium*: «Tenho a maior admiração pelos nossos

vizinhos, desportivamente, e estou convencido estar-lhes destinado ainda grandes triunfos no *association international*.» A passagem por Espanha seria curta, de apenas uma época, para depois ingressar na Académica.



SEM PINGA DE VERGONHA

A época 1933/34 arrancou com o FC Porto a contratar três jogadores ao Boavista. Castro, Vasco Nunes e Carlos Pereira trocaram a pantera pelo dragão, onde passaram a receber 800 escudos mensais, e criaram uma revolução interna nos portistas. Os jogadores que já estavam no plantel sentiram-se injustiçados e pretendiam um salário idêntico. Pinga, a estrela azul e branca, exigiu um aumento para, pelo menos, mil escudos por mês. Como as suas pretensões não foram satisfeitas, criou-se uma lenda difícil de comprovar. Diz-se que fez as malas e comprou bilhete, sem se descortinar o destino: uns contam que para Lisboa, onde seria certamente bem recebido por qualquer um dos três grandes da cidade — Benfica, Sporting ou Belenenses —, outros dizem que pretendia regressar à Madeira, e há ainda a teoria de que poderia aventurar-se no futebol brasileiro. Antes, em setembro de 1932, juntamente com Valdemar e Avelino Martins, formou um trio que representou o Benfica num particular em Bilbao. Outros tempos.



FC PORTO FORA DO CAMPEONATO DE PORTUGAL

A polémica nasceu no seio da AF Porto e teve consequências a nível nacional. O Boavista, ressentido com a saída de três jogadores para o FC Porto, situação agravada por uma derrota por 11-1 frente aos dragões, criou uma aliança antiportista com o apoio de Leixões, Académico e Progresso, alegando que o poder dos azuis e brancos se devia a várias ilegalidades. Decorria o Campeonato Regional e o FC Porto recusou a cedência de jogadores para um jogo da seleção do Porto contra a de Lisboa, o que lhe valeu ser suspenso da atividade desportiva, ficando assim fora do Campeonato de Portugal de 1933/34. Tal como o Salgueiros, que esteve solidário com o FC Porto. Desta forma, os dragões conseguiram alguns resultados históricos contra equipas estrangeiras. Em dezembro de 1933, venceram uma seleção de Budapeste por **7-4**. Já em janeiro de 1934, alcançaram uma

vitória surpreendente por **3-0** sobre os austríacos do First Vienna, que será abordada de seguida, e na semana seguinte golearam o Atlético de Madrid por **4-1**. Em maio, nova goleada, por **5-1**, sobre o Celta de Vigo e, em julho, empataram **0-0** com a seleção do Brasil, na primeira visita da Canarinha a Portugal.



OS TRÊS DIABOS DO MEIO-DIA

O primeiro grande trio avançado do futebol português vestiu-se de azul e branco e ganhou um epíteto que hoje até soa pouco a FC Porto. Tudo por causa daquele dia 4 de janeiro de 1934, quando os portistas venceram os austríacos do First Viena, uma das melhores equipas da Europa daquele tempo, por esclarecedores **3-0**! Uma obra que contou com a assinatura dos três avançados da turma da Invicta, ninguém menos do que Valdemar Mota, Pinga e Acácio Mesquita. Todos se tornariam lendas do FC Porto. Como o jogo se disputou ao meio-dia e o espírito da linha avançada foi endiabrado, a alcunha dada pelo jornalista Rodrigues Telles ao trio ganhou assim o seu propósito e ficou para a história.



FC PORTO GOLEIA BENFICA E CORTA RELAÇÕES

A 28 de maio de 1933, FC Porto e Benfica defrontaram-se na Invicta, na primeira mão dos quartos de final do Campeonato de Portugal. Os portistas derrotaram as águias por **8-0**! Terminada a partida, Laurindo Grijó, delegado da FPF, envolveu-se numa discussão com Manuel da Conceição Afonso, presidente do Benfica, e foi agredido pela comitiva lisboeta. A FPF suspendeu Eugénio Salvador, Miguel de Oliveira e Ralf Bailão, trio de jogadores encarnados, e o clube reagiu ao apontar António Guedes Gonçalves como o agressor e suspendeu o seu jogador, considerando Laurindo Grijó responsável pela confusão. O caso arrastou-se por meses: a FPF irradiou Ralf Bailão, aplicou seis meses de suspensão a António Guedes Gonçalves e a Miguel de Oliveira, além de 30 dias a Eugénio Salvador, mas o Benfica protestou e os jogadores foram despenalizados. Insatisfeita com todo o processo, a direção do FC Porto cortou relações com o Benfica. Na segunda mão, os encarnados venceram por **4-2**.

NÃO SE SACODE A ÁGUA DO CAPOTE

Ninguém esperava que o União de Lisboa atropelasse assim o Chelas: **7-1**, em desafio a começar o ano de 1934. O que também ninguém esperava era a atitude de Capote, o guarda-redes do oriente lisboeta, que fez correr tinta na imprensa. Com a equipa já em desvantagem na Tapadinha e com um jogador a menos por expulsão de Manuel da Silva II, o guardião entrou com extrema dureza sobre um adversário: penákti e o avolumar da goleada. Sentida com tamanha humilhação sofrida e sem contemplações, a direção chelense castigou Capote com 30 dias de suspensão. O jornal *Os Sports* considerou que a decisão «só pode merecer louvores e deve ser apontada aos grandes clubes como um exemplo digno de ser seguido, visto tratar-se do jogador mais categorizado do Chelas.»



LANÇAMENTOS À MODA DO PORTO

Era um «encontro de responsabilidade», como definiu a imprensa. O FC Porto recebia o Atlético de Madrid no Estádio do Lima, ia a meio o mês de fevereiro de 1934. Os *colchoneros* voltavam à capital espanhola via Portugal e foram convidados para um particular na Invicta depois de terem medido forças com o Celta, em Vigo. E o duelo ibérico ficou marcado por um episódio insólito: os maus arremessos dos jogadores do FC Porto nos lançamentos de linha lateral. Nova e Carlos Pereira reincidiram uma e outra vez em clara infração da lei de jogo, que ordena que a bola seja bem puxada atrás, atirada por cima da cabeça. Sob a complacência dos árbitros, os portistas usaram e abusaram. Nenhuma dessas incorreções deu em lance de perigo... e os dragões venceram de qualquer modo.



O CAMPEONATO NACIONAL NASCEU DE UMA TAREIA ESPANHOLA

Na qualificação para o Mundial de 1934, a Seleção Nacional levou uma verdadeira surra em Madrid: Espanha vergou Portugal a uns humilhantes **9-0** e a goleada colocou tudo em causa no cenário luso. O país vizinho era visto como bem mais avançado em termos de quadros competitivos, uma vez que disputava três torneios, em comparação com os nossos desnivelados campeonatos regionais e

o próprio Campeonato de Portugal. Instalou-se a polémica, a direção da FPF caiu, e foi criada uma nova competição experimental: o Campeonato das Ligas, com dois escalões. Estava dado o tiro de partida para o que hoje são os campeonatos nacionais.



O INJUSTIÇADO SOARES DOS REIS

Soares dos Reis, guarda-redes do FC Porto e tipógrafo, foi o homem escolhido para defender a baliza portuguesa no descalabro de Madrid. Mas... por apenas 16 minutos. Nessa altura, Portugal já perdia por **3-0** e foi com o benfiquista Augusto Amaro entre os postes que a Espanha chegou aos **9-0**. Na altura da troca, um adepto espanhol gritou ao selecionador nacional: «Ponga los dos!» Ficou para o anedotário. Na manhã do dia do jogo, Soares dos Reis foi rezar a uma igreja que ficava perto do hotel. Ao regressar para junto dos colegas, ouviu uma grande descompostura do selecionador Ribeiro dos Reis, convencido de que o guarda-redes saíra atrás de uma espanhola. O guardião portista sentiu-se revoltado e teve uma crise de choro, mas lá o convenceram a ir a jogo. Não foi a única situação de injustiça que viveu. Mais tarde, num jogo do FC Porto em casa do Vitória de Setúbal, foi agredido a soco pelo sadino Armando Martins, também internacional por Portugal. Perguntou ao árbitro se não vira o lance e este respondeu-lhe: «Queres que sejamos aqui mortos?»



A ESPERA AO ÁRBITRO NUM DÉRBI

Sporting e Benfica encontraram-se na primeira mão das meias-finais do Campeonato de Portugal de 1933/34. O jogo valeu pelos golos — vitória leonina por **3-2** — e pela animação proporcionada pelos cerca de 18 mil adeptos, repletos de bandeiras de ambas as equipas, com a imprensa a ser impiedosa com a falta de qualidade de jogo do mais importante dérbi lisboeta. «Se não se tratasse de meia-final, a crítica far-se-ia num quarto de coluna...», escreve *Os Sports*. Segundo a crónica assinada por Ricardo Ornelas, considerado um dos mestres do jornalismo desportivo, os adeptos do Sporting «apuraram melhor os seus coros e gritos de incitamento», enquanto o público afeto ao Benfica respondeu com «campainhas, gaitas, rocas, tudo que fizesse barulho», para animar

o dérbi que até teve foguetes no momento da entrada das equipas. Na segunda parte, quando o resultado já estava nos **5-2**, o jogo endureceu. «Houve quezílias, choques com más intenções e verificaram-se jogadas em que os adversários tentaram impiedosamente “varrer-se” uns aos outros», lê-se no mesmo jornal. O árbitro António Palhinhas teve de intervir e algumas decisões mereceram injustos protestos por parte do público. Para *Os Sports*, o árbitro de Setúbal, antigo jogador do Vitória da cidade, teve uma atuação «como sempre, com critério escrupulosamente imparcial», embora se tenha equivocado algumas vezes, nomeadamente ao validar o segundo golo do Benfica numa situação de fora de jogo. Talvez por isso, alguns adeptos do Sporting esperaram-no à saída do vestiário para o vaiar e foi preciso proteção policial. «Nunca está certo procedimento semelhante com juízes de campo e menos ainda com o árbitro setubalense que é, de facto, do melhor que temos tido», concluiu o jornal.



AS FACADAS DO VALADAS

O primeiro de todos os dérbis, jogado a 1 de dezembro de 1907, deu vitória por **2-1** do Sporting sobre o então ainda Sport Lisboa, com oito ex-atletas do futuro Benfica a jogarem do lado leonino. Vinte e sete anos depois, disputou-se o primeiro dérbi de dimensão nacional: a final de 1935 do Campeonato de Portugal. A vitória foi também por **2-1**, mas do Benfica, com o golo decisivo do fulminante ponta-esquerda Alfredo Valadas, um ex-Sporting que se iria cobrir de glória de águia ao peito. Esta foi a primeira de muitas facadas de Valadas no rival.



O LEÃO JAGUAR

Jaguare Bezerra de Vasconcelos foi um folclórico guarda-redes brasileiro. Um saltimbanco da bola. Jaguaré tinha sido estivador e chegou ao Sporting em 1935, depois de se notabilizar por Corinthians e Vasco da Gama, onde foi o primeiro da sua posição a usar luvas. Os sete jogos de leão ao peito valeram-lhe o título de Campeão de Portugal. Saltou para o Marselha onde fez história, voltou a Portugal e acabou no Brasil tal como começara: nas docas. Conta-se que Jaguaré foi espancado até à morte por polícias em 1946 e enterrado no interior de São Paulo como um indigente.



A CADEIRA DO PODER

O húngaro Joseph Szabo chegou ao futebol português via Nacional, em 1926, depois de várias épocas no Ferencváros e de representar o Szombathely numa digressão à Madeira. Ainda jogou no Marítimo antes de rumar ao FC Porto como treinador-jogador. Os títulos foram muitos, às dezenas, sobretudo regionais, e fez escola por cá. Tinha uma cadeira desdobrável que funcionava como talismã. Era sentado nela, junto à linha lateral, que acompanhava os treinos e os jogos. A imagem de Szabo, quase cinematográfica, incluía também um chapéu de coco e um cachimbo ou um charuto. Depois de levar o FC Porto ao título em 1935, fez um estágio com o Arsenal. Para isso, foi preciso criar uma conta solidária, com o apoio do jornal *Norte Desportivo*, e o defensor portista Jerónimo Faria ainda lhe emprestou 6 contos. Talvez se tenha arrependido: Szabo ficou fascinado com a disciplina férrea dos *gunners* e instituiu multas de 10 % do salário para quem se atrasasse para os treinos, além de ter imposto restrições ao nível de álcool, tabaco e sexo. A disciplina e os maus resultados custaram-lhe o lugar em 1936. Teve uma curta passagem pelo SC Braga e viria a fazer história no Sporting.



FINAL NO DIA DO ATENTADO

A 4 de julho de 1937, em Coimbra, o FC Porto superou o Sporting (5-2) e venceu o Campeonato de Portugal pela quarta vez, mas na manhã desse dia o país foi abalado por uma notícia bem mais explosiva. António de Oliveira Salazar, presidente do Conselho de Ministros, fora alvo de uma tentativa frustrada de atentado à bomba, em Lisboa, numa operação organizada por um grupo de anarquistas e comunistas. O Campeonato de Portugal só iria durar mais um ano. Salazar iria durar mais trinta e três.



O PRIMEIRO RELVADO NACIONAL

Se esquecermos o Campo da Rainha, casa do FC Porto entre 1907 e 1911, o Campo das Salésias contou com o primeiro relvado do futebol português.

Aconteceu em 1937 e resultou da remodelação total do recinto, utilizado pelo Belenenses desde 1928, que passou a contar com 21 mil lugares e foi rebatizado Estádio José Manuel Soares em homenagem ao malogrado Pepe. As Salésias tornaram-se num local mítico do futebol nacional, palco de cinco finais da Taça de Portugal, até que o derradeiro jogo da prova-rainha se fixou no Estádio Nacional. Em 1956, com a inauguração do Estádio do Restelo, deixou de ser a casa dos azuis lisboetas. Mas foi lá que o clube viveu a sua gloriosa campanha de 1945/46, coroada com a conquista do único Campeonato Nacional da sua centenária história.



A ORIGEM DOS ANDRADES

O termo «Andrade», que serve para referir um adepto portista de forma depreciativa, nasceu há quase um século, nos anos 1930. Era o apelido de dois irmãos que tinham um terreno na zona do Amial, no Porto, onde foi construído um campo de futebol nos anos 1920, palco de inúmeros jogos do FC Porto e da Seleção Nacional, famoso pelas bancadas à inglesa e por um enorme relógio. O Campo do Amial era a casa habitual do Sport Progresso, clube do coração de um dos irmãos. O outro era adepto portista e gostava de ver os dragões a utilizar o campo de forma regular. Em 1938, desgastado por não ver as suas pretensões concretizadas, o adepto do FC Porto reclamou a sua metade do terreno, prejudicando o irmão e o Sport Progresso, que, apesar de ter ficado com uma bancada destruída pela divisão, continuou a utilizar o campo. O adepto ficou mal visto pelos maus fígados e o apelido Andrade passou a ser aplicado aos portistas num tom pejorativo.



DE VERMELHOS A ENCARNADOS

Em 1938, a imprensa nacional passou a designar o Benfica de uma outra forma. E logo pela cor. De vermelhos, o esquadrão das águias passou a ser conhecido por encarnados. A censura imposta pelo Estado Novo entrara em vigor dois anos antes e começava a ditar a sua lei, criando novas terminologias. A forte conotação comunista de que se revestia a cor vermelha não escapava ao novo policiamento de usos e costumes. Havia todo um novo condicionamento

cultural. E nem as liberdades trazidas pelo 25 de Abril de 1974 mudariam cores ou cenários. O Benfica ficou encarnado para sempre.



ESPÍRITO SANTO POUCO CATÓLICO

É um dos maiores goleadores do Benfica e os números poderiam ser ainda mais impressionantes se não tivesse falhado praticamente três épocas por sofrer de paludismo. Mesmo assim, fez 316 jogos pelos encarnados e somou 225 golos. Em dezembro de 1938, o Benfica recebeu o Casa Pia nas Amoreiras, na oitava jornada do Campeonato Regional de Lisboa, e venceu por **13-1** com nove golos de Espírito Santo, o recorde de um jogador das águias, em apenas 50 minutos! Contava que Zé do Carmo, jogador dos gansos, mostrou o seu desagrado por não parar de marcar a uma equipa onde tinha amigos. Sem esperar, o Pérola Negra justificou: «Eu nem procuro a bola, ela é que me aparece à frente...»



O BENFICA-FC PORTO QUE ACABOU ANTES DA HORA

A rivalidade entre FC Porto e Benfica estava ao rubro desde a última jornada do Campeonato Nacional de 1938/39. O empate no Campo da Constituição garantiu o título ao FC Porto num jogo em que o Benfica teve um golo anulado no último minuto e que, depois de muita polémica, motivou o presidente dos encarnados a cortar relações com o rival da Invicta. Foi neste ambiente que se disputou a primeira edição da Taça de Portugal, que juntou as duas equipas nas meias-finais. Na primeira mão, o FC Porto recebeu e goleou o Benfica por **6-1**, a maior vitória que conseguira até então perante os lisboetas. Só que o impensável aconteceu na segunda mão. Num Campo das Amoreiras a rebenatar pelas costuras, o Benfica vencia por **6-0** aos 71 minutos. Pouco depois, aos 75, o árbitro António Palhinhas expulsou os portistas Santos e Reboredo. Revoltado, o presidente do FC Porto, Ângelo César, ordenou a equipa a sair de campo e protestou o jogo. Os azuis e brancos queixaram-se da atuação do árbitro à FPF e reclamaram o arremesso de bombinhas de Carnaval por parte dos adeptos em direção à baliza portista. A FPF reteve a percentagem de receitas do FC Porto, suspendeu por 30 dias os dois jogadores expulsos, instaurou

um processo disciplinar ao clube pelo abandono de campo e ao presidente pelas declarações proferidas à imprensa. Na final da Taça, a Académica vingou os portistas e venceu por **4-3**.



SALAZAR PROMETE, SALAZAR CUMPRE

Salazar não ia à bola, mas o ditador que chefiou ativamente o Estado Novo entre 1932 e 1968 nunca desprezou a importância do desporto junto das massas. Como prova de vitalidade do regime em tempos de Segunda Guerra Mundial e sob o *slogan* «Salazar promete, Salazar cumpre», nasceu o Estádio Nacional, situado no Vale do Jamor. O projeto arquitetónico coube a Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner, e a construção, iniciada em 1939, foi da responsabilidade dos engenheiros Júlio Marques e António Brito, com supervisão de Duarte Pacheco. A inspiração partiu dos estádios olímpicos de Berlim e Roma, símbolos de regimes fascistas. Mas o Estádio Nacional, hoje com a designação oficial de Estádio de Honra do Centro Desportivo Nacional do Jamor, adaptou-se aos tempos de democracia e continua a ser o palco de eleição da final da Taça de Portugal.



FC PORTO, O CAMPEÃO REPESCADO

Ainda sem subidas e descidas de divisão, os participantes no Campeonato Nacional, criado em 1938/39, garantiam uma vaga na prova através do desempenho nos campeonatos regionais. Mesmo o FC Porto, vencedor da primeira edição, precisava de ocupar um dos dois primeiros lugares do regional. Só que, a edição de 1939/40 teve ecos de escândalo, quando os portistas terminaram no terceiro lugar, atrás de Leixões e Académico do Porto, e falharam o apuramento para o Campeonato Nacional! Preocupada com a credibilidade da competição, que ficaria desfalcada do campeão, e com a quebra de receitas que representaria a ausência portista, a FPF alargou o Campeonato de oito para dez equipas em regime de exceção, já que em 1940/41 voltaram a ser oito. E o título foi mesmo para o FC Porto, um campeão incontestado, com 17 vitórias em 18 jogos. Em 1942, os portistas voltaram ao terceiro lugar do regional e a falhar o apuramento para o Nacional. O Campeonato seria uma vez mais alargado, desta vez para 12 equipas.



CALDEIRADA NA CONSTITUIÇÃO

Para o impensável terceiro lugar portista no regional de 1939/40 contribuiu o encontro com o Académico do Porto, que não chegou ao fim por inferioridade numérica dos azuis e brancos. A 15 de outubro de 1939, o Campo da Constituição viu um jogo que a todos envergonhou. Logo no decorrer dos primeiros 30 minutos, o FC Porto teve quatro jogadores expulsos! Pinga, um dos que recebeu ordem para deixar a partida, reentrou em campo e agrediu o árbitro Silva Correia, o que lhe valeu um ano de suspensão, entretanto comutada. Mas não foi só o craque madeirense que estava de cabeça perdida. O público apedrejou o árbitro e foi já com outro juiz em campo que o encontro terminou, quando um quinto jogador portista saiu lesionado. Foi um dos quatro Campeonatos do Porto que os dragões não conquistaram em 34 edições da prova. Entre 1913 e 1947, os portistas apenas deixaram fugir o título para Boavista (1914), Salgueiros (1918), Leixões (1940) e Académico (1942).



O MISTÉRIO DO GUARDA-REDES ESPIÃO

Ele era virtuoso e misterioso. Béla Andrasik, guarda-redes húngaro, apareceu em 1939 em Portugal e no FC Porto. Sopravam cada vez mais fortes os ventos da Segunda Guerra Mundial e os dragões, através do seu treinador e ex-guardião Mihály Siska, aproveitavam o talento que fugia da Europa Central — Andrasik chegou ao FC Porto ao lado dos jugoslavos Petrak e Kordnya. Campeão em 1939/40, arrebatou multidões com o seu estilo felino e personalidade de ferro. Usava boina e um V na camisola. Mas Andrasik desapareceu sem deixar rasto. Soube-se mais tarde que espiava para os Aliados e temia as forças germanófilas do regime de Salazar. Voltaria a defender na Hungria e na Itália. Num mundo já em paz.

1001 HISTÓRIAS DO DESPORTO-REI EM PORTUGAL

Não são 1000 nem 1002. São exatamente 1001 as histórias do futebol português que aqui são reveladas. Da autoria dos jornalistas Filipe Alexandre Dias e Tiago Beato, este livro é o resultado de uma intensa e apurada investigação, sempre com o intuito de apresentar as histórias mais conhecidas, as (quase) desconhecidas, as muitas curiosidades e, também, os momentos mais insólitos deste desporto que move multidões e desperta paixões.

Começando na década de 1920 — época em que se iniciou a competição organizada a nível nacional — até aos dias de hoje, por aqui não faltam personagens como Pepe, Francisco Stromp, os Cinco Violinos, Matateu, Eusébio, Vítor Baptista, Pedroto, Pinto da Costa, Mourinho e Cristiano Ronaldo, não esquecendo também os estrangeiros que passaram (e passam) pelo futebol nacional, como Siska, Edmur, Cubillas, Madjer, Otto Glória, Eriksson, Jardel, Schmeichel, Trubin e muitos mais.

Um livro de histórias do futebol português, das equipas portuguesas e da Seleção Nacional. Não encontra aqui histórias dos profissionais lusitanos espalhados pelo mundo. Até porque essas são outras 1001 histórias...

«COMO EM TANTAS HISTÓRIAS, LÊ-LAS TORNA-SE VICIANTE. E REVISITAR O PASSADO, DESCONHECIDO PARA MUITOS, TENDO POR BASE O CONHECIMENTO, TORNA-NOS MAIS RICOS.»

in Prefácio, por José Manuel Freitas, jornalista



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-906-7



9 789895 899067